

"SÓ MOMO EXPULSA O CRIVELLA DAS PESSOAS": CRÍTICAS NÃO-VERBAIS E CARNAVALESCAS À PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO¹

"SÓ MOMO EXPULSA O CRIVELLA DAS PESSOAS": NON-VERBAL AND CARNIVAL CRITIQUES TO THE PREFECTURE OF RIO DE JANEIRO

Evandro de Sousa BONFIM²

Resumo: o artigo tem como objetivo analisar as críticas realizadas, a partir das agremiações carnavalescas do Rio de Janeiro, à gestão municipal de Marcelo Crivella, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. São repercussões sob a forma de discurso não-verbal (alegorias, fantasias, desenhos, peças promocionais, ícones civis) que demonstram a insatisfação com a relação entre o prefeito e a cultura pública da cidade, que possui, como marcos importantes, o ritual de entrega das chaves da urbe ao Rei Momo e a apresentação das escolas de samba na Marquês de Sapucaí. As manifestações visuais retomam a memória crítica dos próprios desfiles e combinam gestos discursivos próprios da linguagem carnavalesca (a inversão, o grotesco, a ênfase no baixo corporal) com repertórios da gramática da religião pública, de forma a constituir o carnaval como arena para disputas em torno da definição do religioso.

1 O autor quer agradecer a João Gustavo Melo, pesquisador e profissional do carnaval carioca, interlocutor imprescindível para a realização do artigo. Gostaria de agradecer, também, à Paula Montero, à Tania Clemente e ao Leandro Vieira pela contribuição para as discussões apresentadas no texto; e à Lorena Rabelo, à Lilian Gomes e ao Jorge Silveira (carnavalesco da G.R.E.S. São Clemente) pela cessão de imagens analisadas no artigo. A pesquisa foi realizada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo Fapesp 2015/26464-9).

2 Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), com bolsa de Pós-Doutorado da Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (2015/26464-9) sobre o lugar das imagens nas controvérsias públicas envolvendo as definições de secular e religioso na sociedade brasileira contemporânea. Integrante do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLIND) do Museu Nacional-UFRJ. E-mail: evandrobonfim@hotmail.com.

Palavras-chave: discurso não-verbal; carnaval; religião pública; cidade.

Abstract: the article analyzes the criticisms made from a carnivalesque point of view to the municipal management of Marcelo Crivella, licensed bishop of the Universal Church of the Kingdom of God. There are public statements as non-verbal discourse (allegories, costumes, drawings, promotional pieces, civil icons) that demonstrate the dissatisfaction with the relationship between the mayor and the Rio de Janeiro's public culture, which has as important milestones the ritual of keys of the city to the King Momo and the presentation of the schools of samba in the Marquis of Sapucaí. The visual manifestations reclaim the critical memory of the parades themselves and combine discursive gestures proper to the carnival language (inversion, grotesque, emphasis on the lower body) with repertoires of the grammar of the public religion, in order to constitute carnival as an arena for disputes in around the definition of the religious.

Keywords: non-verbal discourse; carnival; public religion; urbanity.

O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro de 2018 obteve repercussão especial por retomar o desenvolvimento de enredos trazendo conteúdos políticos derrisórios direcionados a figuras públicas, como, por exemplo, o ex-presidente da república, Michel Temer, retratado pela agremiação Paraíso do Tuiuti como “o vampirão neoliberal”. No âmbito local, o desfile também era esperado por marcar o primeiro ano de gestão do atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (PRB), bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. O prefeito foi uma das personalidades políticas retratadas nos desfiles, sob a forma de alegorias e adereços que compunham os quesitos plásticos do carnaval da tradicional escola Estação Primeira de Mangueira, intitulado “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”, mas que trazia outros lemas como “Pecado é não brincar o carnaval” (Figura 1).

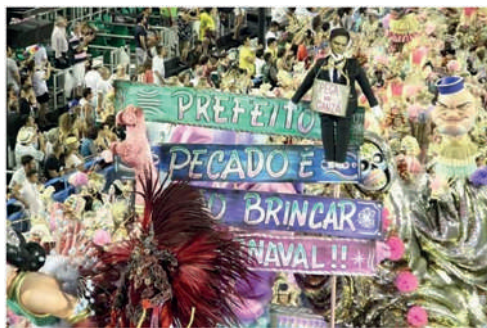
Figura 1: “Pecado é não brincar o carnaval”.



Fonte: Arte de divulgação do Carnaval da Mangueira 2018)

O desfile da Mangueira fez duas referências visuais ao prefeito. A principal (Figura 2) reitera o mote do carnaval verde-e-rosa e figura o prefeito como Judas.

Figura 2: “Prefeito, pecado é não brincar o carnaval!”.



Fonte: Jornal O Globo/Divulgação Estação Primeira de Mangueira.

A escolha de figurar Crivella como o traidor de Jesus e da noção de “pecado” como antagonista da celebração do carnaval popular proposta pelo desfile mostra a relevância do repertório visual religioso (cristão) na formulação de críticas realizadas por atores sociais diversos (no caso, a escola de samba) a outros atores identificados como religiosos. Para se entender a “traição” de Crivella, é necessário contextualizar que o candidato em campanha solicitou e recebeu apoio da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA), entidade de grande relevância para a gestão da cidade por conta da importância turística dos desfiles das escolas de samba do grupo especial³. Na ocasião, Crivella, inclusive, cantou trechos do samba salgueirense “Festa para um Rei Negro”, conhecido, popularmente, como “Pega no Ganzá”, gesto que apareceu sob a forma de placa pendurada no pescoço do enforcado.

Os presidentes das escolas de samba pediram votos para Crivella durante os ensaios, e o candidato foi recebido, entusiasticamente, no Centro Cultural Cartola, no Morro da Mangueira, durante debate organizado pelo Observatório das Favelas. Depois de eleito, Crivella nomeou Nilcemar Nogueira, reconhecida ativista promotora do samba e neta do compositor Cartola⁴. No entanto, ao assumir a prefeitura, Crivella inicia série de atos administrativos desfavoráveis às escolas de samba e aos festejos carnavalescos. O presente artigo pretende mostrar o percurso, sobretudo sob a forma de discurso não-verbal

3 Sem contar a temporada pré-carnavalesca, que se inicia praticamente logo após o término do carnaval, com anúncio dos enredos, apresentação dos protótipos, escolha dos sambas, ensaios nas quadras, ensaio de rua e o ensaio técnico na Sapucaí (cancelado na temporada 2017/2018) por conta das restrições orçamentárias da prefeitura) e os direitos de transmissão.

4 O candidato adversário, Marcelo Freixo (PSOL), por sua vez, recebeu apoio de alguns blocos carnavalescos, que, com exceção dos grandes blocos tradicionais (Bola Preta, Cacique de Ramos) não possuem a estrutura comunitária e a mobilização contínua sob a forma de eventos que as escolas de samba têm.



(SOUZA, 2001), que levou o prefeito a ser figurado como alegoria carnavalesca, bem como os desdobramentos do fato, o que envolve a elaboração de críticas sobre a maneira de o governante lidar com os elementos culturais que caracterizariam o Rio de Janeiro não apenas como cidade, mas em termos de valores cívicos relacionados à diversidade⁵.

Incidentes diplomáticos com o Rei Momo e o Palácio do Samba

Conforme aludido acima, a associação aparentemente improvável entre um ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e o carnaval carioca, que, em relação metonímica, significaria uma boa relação entre o prefeito e a cidade do Rio de Janeiro, começa a se desfazer no primeiro carnaval da gestão Crivella. Em 2017, o prefeito não aparece para entregar as chaves da cidade ao Rei Momo, compromisso da administração pública municipal que marca a abertura do carnaval. A cerimônia de entrega das chaves a Momo havia adquirido especial relevância na gestão do prefeito anterior, Eduardo Paes (ex-MDB, atual DEM), dada a reverência prestada por ele à entidade carnavalesca⁶.

Na cerimônia de 2017, Crivella foi substituído pela secretária de cultura, mas somente depois de longas horas de espera do séquito do Rei Momo na cidade do samba, complexo onde ficam os barracões das escolas de samba. O gesto do prefeito foi considerado desrespeitoso por muitos cariocas, principalmente sambistas. A ausência do prefeito em momentos cruciais da cidade foi notada em peças visuais como a da Figura 3, que recupera, inclusive, momentos anteriores à eleição.

5 Além da referência à discussão sobre o não-verbal, o artigo tem, como marco teórico, as definições canônicas de Peirce (2005) sobre as relações entre objeto e *representamen* (as formas signicas do ícone, índice e símbolo); de relações *in praesentia* e *in absentia* de Saussure (1999) – tratadas como metonímia e metáfora por Jakobson (2001) –; e efeito metafórico e deslizamento de sentidos de Pêcheux (1988). Para maiores informações sobre os conceitos, remeto os leitores às fontes originais.

6 As cerimônias de entrega das chaves das cidades se originam da constituição política dos espaços urbanos medievais, que contrastava cidadãos livres com a servidão no campo. As honrarias eram destinadas aos amigos da cidade, incluindo títulos honorários e as chaves, que franqueavam o livre trânsito do laureado pelos portões citadinos. A chave da cidade, assim, constitui um recurso icônico da organização política urbana. A prática continua ocorrendo em municipalidades do mundo ocidental. No Brasil, prefeitos eleitos têm realizado cerimônias de entrega das chaves da cidade ao Deus cristão.



Figura 3: charge do cartunista Vini Oliveira.



Fonte: Vini Oliveira.

É interessante notar o jogo entre o verbal e o não-verbal, na charge, em torno da noção de “transparente”. A transparência, na política, costuma estar associada ao manejo ilibado do orçamento público e à abertura dos gastos para consulta pública. No plano visual, Crivella se faz político transparente pela ausência em momentos cruciais da vida pública cidadina, a saber, debates pré-eleitorais, cerimônias oficiais e o enfrentamento de crises. Nos três quadros da charge, depara-se com a posição de alocutário não preenchida na cena enunciativa (BENVENISTES, 1989). Contudo, aquele que deveria ocupar a posição da 2ª pessoa se encontra vinculado à cena mediante índices de não-presença. A transparência/ausência de Crivella acontece, na imagem, sob a forma da cadeira vazia, da chave flutuando e do caos urbano provocado por enchentes substituindo o entrevistado, todos signos apontando para quem deveria estar ali.

Depois do incidente “diplomático” com o Rei Momo, a administração de Crivella começa a implementar uma política de corte de subvenções a eventos apoiados pela prefeitura. As primeiras a serem atingidas são, justamente, as escolas de samba, que não receberiam o acréscimo de 1 milhão de reais prometido por Eduardo Paes no ano anterior. O “corte” na subvenção foi encarado como uma traição aos apoiadores, conforme a figuração de Crivella como Judas. A maior reação veio da Estação Primeira de Mangueira, conforme aludido anteriormente, que lançou, ainda em 2017, enredo para a temporada seguinte reforçando a frugalidade e a liberalidade do carnaval popular, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4: “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco!”.



Fonte: Divulgação Estação Primeira de Mangueira.

De acordo com o carnavalesco Leandro Vieira (em conversa com o autor), o carnaval da Mangueira se inseria em uma “disputa de implementação de narrativas”. “A narrativa do prefeito é uma narrativa de negação das coisas que são importantes, da cultura carioca, da cultura da cidade”. Fez parte dessa narrativa, conforme apontou o carnavalesco, a justificativa de Crivella de opor o carnaval, correspondendo a poucos dias de festa, com a manutenção anual de creches da prefeitura. “É uma negação da identidade”, afirmou. Vieira estreou, como carnavalesco principal, no grupo especial, em 2016, sagrando-se campeão com um enredo sobre a cantora Maria Bethânia, trazendo inúmeras referências ao Candomblé. No carnaval de 2017, com enredo versando sobre a religiosidade popular, uma alegoria da Mangueira foi retirada do desfile das campeãs a pedido da Arquidiocese, por mostrar o sincretismo entre Jesus Cristo e Oxalá⁷. Para Vieira, “o sincretismo existe”, e a religiosidade popular é uma das características mais fortes da cultura carioca e brasileira.

No período pré-carnavalesco de 2018, foi forte a expectativa para a cerimônia de entrega das chaves ao Rei Momo, em virtude do que ocorreria no ano anterior. Para evitar manifestações públicas, a prefeitura cogitou fazer um evento fechado, mas logo desistiu da ideia. Contudo, quem entregou as chaves à personagem carnavalesca não foi o prefeito, mas os guardiões oficiais da chave, o Instituto Cultural Candonga. Mesmo presente, Crivella não tocou no artefato, fazendo persistir a percepção de que o prefeito de uma cidade carnavalesca não gosta de carnaval.

⁷ É importante destacar que o Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, foi um dos apoiadores da candidatura de Marcelo Crivella. A princípio, Dom Orani negara a associação com o ex-bispo iurdiano, sendo a aliança, depois, exposta pelos meios de comunicação.

Para a Agência Brasil, o prefeito afirmou que a entrega das chaves havia se tornado “um dogma religioso”. Assim, Crivella procura reverter a operação discursiva utilizada pela oposição desde a campanha, que procura desvelar o aspecto de gestor que “cuida das pessoas” para mostrar à população o que seria a verdadeira face do prefeito: um bispo com passado missionário envolvido em práticas que poderiam ser qualificadas como racistas. A seguinte comparação entre a foto oficial do prefeito e a imagem escolhida para figurá-lo em peça crítica ilustra o gesto discursivo.

Figura 5: figuração do prefeito Marcelo Crivella.



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro/PSOL.

Em vez de adotar critérios técnicos, o prefeito beneficiaria as alianças religiosas com cargos e outras vantagens. De forma condizente, a imagem que representa Crivella o desloca do Palácio da Cidade para as performances rituais da Igreja Universal (oração, pregação ou exorcismo). O rosto sorridente cede lugar ao rosto contorcido, com olhos cerrados e a boca em esgar. Embora não faça parte do repertório de críticas visuais das escolas de samba, pode-se considerar o gesto discursivo como carnavalesco, pois a figuração de autoridades constituídas usando de elementos do grotesco, de forma a relativizar o poder que possuem e trazer verdades geralmente interditas sobre elas, está dentro do repertório imagético característico do carnaval (BAKHTIN, 1999).

Comentário visual e iconoclastia

De volta ao desfile de 2018, o carnaval da Mangueira traz outro elemento alegórico para criticar Crivella, usando a memória discursiva do carnaval para compor o efeito de sentido, conforme mostra a Figura 6.

Figura 6: “Olhai por nós! O prefeito não sabe o que faz.”.



Fonte: O Globo/Divulgação Estação Primeira de Mangueira.

A partir da noção de que a imagem, ao ser recortada, gera novas imagens plenas de significado, ao contrário do signo linguístico, que perde significado ao ser segmentado em unidades menores (SOUZA, 2011; JAKOBSON, 1978), destaca-se, dentro do quadro de alegorias e composições, remetendo a fantasias nostálgicas do carnaval de rua, um adereço que não compartilha das mesmas referências visuais do entorno, mas remete a outro momento de celebração das fontes populares do carnaval. Trata-se de uma alegoria de mão trazendo o Cristo Coberto, retomando o desfile da Beija-Flor de 1989, “Ratos e Urubus, larguem minha fantasia”.

A controvérsia entorno da alegoria do Cristo Mendigo da Beija-Flor constitui um dos casos mais marcantes de *iconoclash* (disputas de sentido envolvendo imagens, que oscilam entre a multiplicação e a destruição dos ícones, segundo Latour, 2008) no Brasil. A Arquidiocese carioca proibiu a figuração de Jesus em andrajos similares aos do “povo de rua”, população que, no samba enredo, está sob os auspícios da entidade afro-brasileira Legbara. A solução do carnavalesco Joãozinho Trinta para o silenciamento da imagem foi alegorizar a interdição, cobrindo a estátua de preto, e abrir espaço para tornar a imagem visível novamente ao apor à alegoria a seguinte denúncia-convite carregada pela figura velada: “Mesmo proibido, olhai por nós” (ver Figura 7).

Figura 7: Cristo Mendigo encoberto, Beija-Flor, 1989.



Fonte: Imagem da internet.

A convocação para mirar a imagem proibida favorece a polissemia acentuada característica do discurso lúdico. De acordo com Orlandi (1987: 15), “o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamariamos de polissemia aberta”. A escola se aproveita da limitação da referência visual, em decorrência da censura, para ampliar as possibilidades de significação do ícone pelo interpretante. A proibição cassa a visualidade do Cristo Mendigo, mas não a presença dele, reforçada pelo direcionamento ao olhar pelo componente verbal, que funciona, portanto, como índice. O conteúdo da faixa também realiza o deslocamento do coletivo de suplicantes da prece original para o Cristo convocador, mantendo a marca do locutor NÓS. A realização da pluralidade do índice de primeira pessoa, enunciado pela alegoria encoberta, faz com que a referência inclua a ala de mendigos circundante e mesmo a integralidade do desfile dentro do convite à contemplação⁸.

A Mangueira recupera a estética e a polêmica de “Ratos e Urubus” mediante a “ressonância discursiva” desencadeada pelo adereço. De acordo com Souza (2018), a ressonância discursiva diz respeito à recorrência de marcas (no caso, não-verbais) na constituição de novos discursos, que, na peça analisada, ocorre sob a forma de paráfrases visuais. A pesquisadora chama atenção para o fato de que, ao estabelecer a relação parafrástica, o gesto do autor (ou do analista) não se limita ao

8 Devido ao fato de que atenção do artigo estar voltada à retomada discursiva da alegoria do Cristo Mendigo pela Mangueira, para maiores discussões sobre o carnaval nilopolitano de 1989, remeto os leitores ao trabalho de Melo de Sousa (2000), em que há maiores discussões sobre os aspectos históricos, estéticos e políticos do desfile, e a tese de Lima (2011) sobre alegorias proibidas no carnaval das escolas de samba.

reforço de ideias predominantes, mas suscita outros efeitos de sentidos, sobretudo em decorrência da diacronia e do contexto enunciativo.

No caso do desfile verde-e-rosa, o gesto parafrástico de trazer a miniatura do Cristo Mendigo não partiu do carnavalesco, mas do folião que estava entre as composições da alegoria pensada em termos de “carro instalação”. Segundo o carnavalesco Leandro Vieira, “as composições são os próprios foliões das ruas, com fantasias com as quais brincam pela cidade. São as múltiplas fantasias que se espalham por todo o Rio. São a criação individual dos brincantes, que, ao serem reunidos, formam um amplo painel da estética coletiva que caracteriza o visual geral dos blocos de rua do carnaval atual” (ABRE ALAS, 2018: 300). O adereço, atualmente em exposição em bar temático sobre samba, promove deslizamentos de sentido em relação à referência carnavalesca na qual se baseia (ver Figura 8).

Figura 8: Alegoria de mão, Mangueira, 2018.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A frase “o prefeito não sabe o que faz” funciona como operador discursivo que confere novos sentidos para as recorrências do ícone (reduzido) e da súplica. Como a Beija-Flor em 1989, o carnaval estaria sendo atacado por forças religiosas que impedem o popular de se manifestar e mesmo sobreviver. Crivella aparece, agora, como outro personagem além de Judas, responsável pela morte de Cristo: a turba que prefere Barrabás a Jesus no julgamento presidido por Pilatos. O prefeito não sabe o que faz também no que diz respeito às capacidades de administração pública e de entender a cidade que governa. Diante de tais condições, se renova o apelo “olhai por nós”, que tanto direciona o olhar para o próprio desfile como para o próprio Rio de Janeiro, por conta das ações da prefeitura.

Nas ruas, o rei Momo como *Eleutherio*

É interessante destacar que as críticas a Crivella, sobretudo as mais carnavalescas, não se limitaram a agentes mais formais como meios de comunicação, partidos políticos e escolas de samba. Uma fantasia popular do carnaval de 2018 faz, justamente, o prefeito se submeter ao Carnaval/rei Momo, valendo-se da própria *gramática da religião pública*:

Figura 9: foliões com caminhas críticas a Crivella.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A palavras remetem, diretamente, à conhecida fórmula cristã “Só Jesus expulsa o demônio das pessoas”. A frase, que pode ser representada pela estrutura sintática {Só X expulsa Y de Z}, está inscrita em muros por todo país (ver imagem 10) e é um marco da presença pública evangélica, mas o é de forma assertiva, pois evoca o poder de Cristo de subjugar os adversários malignos e, por extensão, das denominações cristãs que dão demonstração de tal força mediante o ritual de exorcismo ou libertação. A frase está estritamente relacionada a outra fórmula, “Só Jesus Salva”, devido ao fato de que a capacidade de libertação do mal legitima a posição de Cristo como único senhor e salvador.

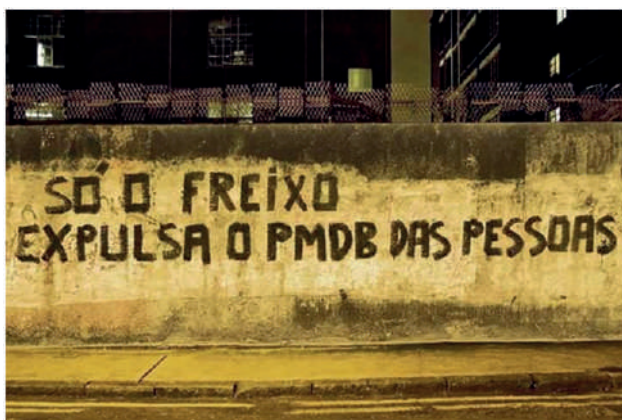
Figura 10: Marco visual da religião pública.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A frase pode ser considerada manifestação da “religião pública”, que, segundo Montero (2016: 143), envolve “o próprio processo de produção de publicização das religiões, sugerindo que nesse processo se constrói, ao mesmo tempo, a religião como fenômeno público e a arena na qual ela se performatiza – mídia, rua, tribunal, academia”. Para a autora, a noção de religião pública permite se analisar a questão do religioso para além dos espaços denominacionais e de forma não substancializada, porque as definições de religioso e secular estão em disputa pelos agentes sociais e se constituem mutuamente. A expressão funciona como base sintática que não se limita ao marco visual da identidade evangélica, mas se presta aos embates públicos sobre o entorno do religioso, conforme pode ser evidenciado pela utilização do sintagma pela campanha de Marcelo Freixo (PSOL), o adversário direto de Crivella na disputa de 2016 (Figura 11).

Figura 11: “Só o Freixo expulsa o PMDB das pessoas”.



Fonte: Divulgação PSOL-Rio)

Ao utilizar a frase, os adversários políticos de Crivella estão lançando mão da gramática da religião pública, reconhecível pela população mais ampla, expondo a figura do mal em termos políticos (o PMDB) e mostrando qual agente teria competência para resolver a questão (o Freixo). A potência espiritual (a capacidade de libertação) se torna potência política: a capacidade de desvencilhar a política carioca/fluminense da influência prejudicial do PMDB (atual MDB), que, no estado, estava representada pelo ex-governador Sérgio Cabral, o ex-deputado Eduardo Cunha (evangélico) e o ex-prefeito Eduardo Paes. Assim, Crivella se desloca do religioso (bispo licenciado da IURD praticante de exorcismo) para o político, a partir da continuidade com o modelo mdebista, enquanto Freixo ocupa a posição do libertador. Os embates mostram a reversibilidade das categorias religioso e político, que são reinterpretadas como positivas ou negativas, de acordo

com quem as enuncia, a quem se dirigem e o contexto no qual ocorrem as tentativas de definição.

Portanto, o efeito metafórico em questão (os deslizamentos de sentidos que acontecem a cada reelaboração da frase, de acordo com contextos de disputa) ocorre no eixo paradigmático, estabelecendo cadeias de relações *in absentia*, enquanto, no eixo sintagmático, se assenta a paráfrase, não de forma estabilizadora dos sentidos, mas de maneira generativa, pois possibilita à linguagem comum a constituição da arena pública e fornece a base para as recombinações que permitem a circulação das categorias entre os atores envolvidos no conflito político. A deriva de sentidos pode, portanto, ser representada como está abaixo:

Só X expulsa Y de Z $\rightarrow$ EIXO SINTAGMÁTICO

EIXO	JESUS	DEMÔNIOS	PESSOAS
PARADIGMÁTICO	O FREIXO	PMDB	PESSOAS
↓	MOMO	CRIVELLA	PESSOAS

Enquanto as variáveis X e Y registram o efeito metafórico, a variável Z apresenta a recorrência do termo <<PESSOAS>>, que é objeto tanto da ação religiosa quanto da ação política nas três versões do enunciado⁹. Nos evangelhos e no cristianismo primitivo, títulos como *sotero* (salvador) e *euletherio* (libertador) eram designados a Cristo por associação com o imperador romano e estavam relacionados à capacidade política de restauração do bem-estar dos cidadãos. Tais atributos, no entanto, se originam de epítetos atribuídos aos deuses do panteão greco-romano, acrescentando-se ao campo semântico dos dois termos a questão da cura e da condição livre humana. Assim, o deslizamento de sentido que vai de Jesus a Momo coloca a entidade integrante do cortejo de Dioniso (o grande *eleutherio* dos mistérios) como libertador da cidade do Rio de Janeiro, do que está condensado na variável Y, na qual aparece Crivella como a versão unificada de expressões negativas do religioso e do político (os demônios e o partido corrupto).

9 É interessante lembrar que o *slogan* de campanha de Crivella (“Cuidando das pessoas”) centrava-se, justamente, na definição de povo como paciente do Estado, responsável por dispensar cuidados.

Considerações finais: o carnaval e a teologia da batalha espiritual

A cerimônia da entrega das chaves ao Rei Momo em 2019 ocorreu, mais uma vez, sem a presença do prefeito. As escolas de samba continuaram a tematizar a gestão Crivella mediante o discurso não-verbal, com a chave ocupando lugar de destaque como elemento alegórico de crítica política, conforme demonstra as seguintes fantasias da São Clemente, que trazia o enredo “E o samba sambou”.

Figura 12: fantasia “fechando as portas para folia”.



Fonte: Jorge Siveira.

As fantasias retomam o problema público da entrega das chaves para o rei Momo. Enquanto a chave nas mãos da entidade carnavalesca abre a cidade para o espetáculo, Crivella aparece como Anti-Momo, que “fecha as portas para a folia” ao cortar recursos e dar declarações, como prefeito, de forma contrária ao carnaval. Assim, mesmo de posse da chave, o folião se depara com a fechadura bloqueada¹⁰.

Sobre o certame de 2019, o prefeito Crivella fez a seguinte afirmação ao jornal Folha de São Paulo (03/03/2019): “não cabe mais aos líderes políticos uma dimensão carnavalesca do cargo público”. A frase está em consonância com os ataques realizados pelo presidente Jair Bolsonaro ao carnaval, em termos gerais, e ao desfile da Mangueira, em particular. Na mesma entrevista à Folha de São Paulo, Crivella torna público o apoio ao presidente eleito, o mesmo apoio dado por seu tio Edir Macedo, e se insere no debate acerca das milícias formadas por ex-militares que atuam, sobretudo, na Zona Oeste da capital fluminense, tema que vem marcando os primeiros meses do mandato presidencial.

¹⁰ A chave é igualmente importante para a simbologia bíblica. No Apocalipse, Jesus se apresenta como dono da chave que abre todas as portas, de forma condizente com as atribuições dele como *sotero* e *eleutherio*. A Igreja Universal também se vale da chave como objeto ritual “para a abertura de todas as portas”, além de abençoar chaves como forma de proteger o lar dos frequentadores ou como benção para a consecução da casa própria.

O desfile campeão de Leandro Vieira de 2019 trazia a intenção – manifestada pelo artista ao pesquisador durante a entrevista – de entrar em disputa pela narrativa histórica a respeito do Brasil. O presidente da República questionou a autoridade crítica da Mangueira por conta das ligações do ex-presidente da escola, o deputado estadual Chiquinho da Mangueira, com o ex-governador do Rio de Janeiro preso por corrupção no âmbito do braço carioca da Operação Lava-Jato, Sérgio Cabral. Uma das partes mais populares do samba e do desfile se referiam, justamente, ao assassinato da vereadora carioca pelo PSOL Marielle Franco, relacionado às atividades de milícias no Rio de Janeiro, às quais o clã político Bolsonaro estaria ligado.

A frase também faz alusão ao ex-prefeito Eduardo Paes, cuja administração incluía, além de compromissos orçamentários maiores com as escolas de samba, participações em eventos públicos ligados ao carnaval, todos dispensados por Crivella, como a entrega das chaves da cidade ao Rei Momo. Paes, derrotado em candidatura ao governo fluminense por candidato apoiado por evangélicos, havia, inclusive, alterado o desenho institucional da prefeitura do Rio de Janeiro ao inaugurar o paço municipal em Oswaldo Cruz, bairro sob influência da Portela, escola associada ao ex-prefeito. Em relação a Crivella, o marco, em 2018, do primeiro ano de gestão, que culminou em críticas sob formas das alegorias mangueireses, também trouxe a tentativa de *impeachment* ao prefeito, por acusação de favorecimento ao segmento evangélico em questões de saúde e transporte público. A Câmara Municipal apoiou o prefeito, o que envolveu, ainda, a negociação de cargos como a Secretaria de Educação, cujo ocupante, César Benjamin, foi exonerado.

Diante da emergência do carnaval como problema público a partir de controvérsias envolvendo elementos iconográficos (a chave da cidade, adereços, alegorias, fantasias, pichações em muros), gostaria de encerrar o texto com a seguinte hipótese a respeito das orientações mais amplas dos agentes em disputa. A formação de Crivella como missionário e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus inclui o contato com a Teologia da Batalha Espiritual ou Teologia do Domínio, que preconiza a mobilização constante diante das investidas do inimigo, o Diabo. Conforme mostra farta bibliografia (resenhada por Mariz, 1999), a demonização ocupa lugar de destaque como investida para a exposição e embate a opositores. No entanto, ao passar do plano denominacional e mesmo da esfera legislativa ligada a bases mais homogêneas para o nível executivo, a lógica da demonização não seria comportada pelas exigências do pluralismo que devem organizar a administração pública brasileira diante da diversidade empírica encontrada (e celebrada) em cidades como o Rio de Janeiro.

Ao se posicionar de maneira cada vez mais contundente contra o carnaval, sobretudo contra o desfile das escolas de samba, Crivella tenta produzir engaja-

mento da população diante do inimigo que atenta para o bem-estar social, de certa maneira secularizando as estratégias de demonização. Os argumentos da prefeitura não são de ordem da moral privada, como aqueles elencados pelo presidente ao comentar práticas e orientações sexuais para condenar o carnaval. Em vídeo lançado em junho de 2019, a prefeitura afirma que os gastos públicos com o carnaval (700 milhões de reais) não dão retorno ao município, ficando o lucro nas mãos de empresas como a Rede Globo, inimiga contumaz da IURD, da esquerda política e agora da presidência. Os recursos, segundo o vídeo, deveriam ser mais bem empregados no pagamento de aposentados e educação infantil, retomando a explicação dada para a diminuição do investimento público nas escolas de samba logo no primeiro mandato. O lançamento do vídeo ocorre no momento em que a idoneidade da Liga Independente das Escolas de Samba está sendo questionada, inclusive por conta da alteração do resultado final dos desfiles, manobra popularmente conhecida como “virada de mesa”. Assim, a prefeitura usa argumentos que apelam para a moral pública em relação às prioridades dos gastos municipais.

No que diz respeito aos outros agentes da disputa (agregações, artistas, foliões, sambistas, vereadores e personagens de rituais cívicos), observa-se a elaboração de discursos críticos não-verbais que vão ganhando consistência e passam a circular dentro do repertório da expressão de problemas públicos, como, por exemplo, a recorrência do ícone da chave resumindo, imageticamente, o combate a Crivella e da estrutura da frase que marca a presença evangélica na paisagem visual urbana. Os signos em questão vão adquirindo efeitos de sentido religiosos, não-religiosos e mesmo antirreligiosos ou ambivalentes, de acordo com aqueles que os mobilizam no combate sempre atualizado entre o carnaval e a quaresma, conforme o quadro de Bruegel, o Velho. Mas se faz necessário destacar as particularidades da discursividade carnavalesca, que oferece gestos visuais de grande potência crítica, como a máscara, o efeito do grotesco, a polissemia extrema, todos inscritos na memória da cidade, mediante a lembrança de outros carnavais, reconstituindo e renovando, portanto, o corpo cósmico popular subversivo de que nos fala Bakhtin.

Referências

BAKHTIN, Michael. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo, Brasília: UnB, Hucitec, 1999.

BENVENISTE, Émile. “O aparelho formal da enunciação”. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, Pontes, 1989.

Jakobson, Roman; Fant, C. Gunnar M; Halle, Morris. **Preliminaries to speech analysis**. MIT Acoustics Laboratory, Technical Report 13, 1952. [Reeditado por MIT Press, Cambridge MA, 11a. impressão, 1976.]

_____. **Linguística e comunicação**. Prefácio de Izidoro Blikstein; tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

LATOUR, Bruno. “O que é um Iconoclash? Ou há um mundo além das guerras de imagem?”. **Horizontes Antropológicos**, ano 14, nº 29, 2008.

LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA. **Abre Alas**. Rio de Janeiro, LIESA, 2018.

LIMA, Fátima Costa de. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

MARIZ, Cecília. “A teologia da batalha espiritual: uma revisão da literatura”. BIB (1º sem). Pp. 33-48, 1999.

MELO DE SOUSA, João Gustavo Martins. **Na vida, um mendigo; Na Folia, um Rei**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Ceará.

MONTERO, Paula. “Religiões Públicas ou Religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 36(1): 128-150, 2016.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas Pontes, 1987.

PÊCHEMAUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas: UNICAMP Editora, 1988.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 2005

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein, 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SOUZA, Tania Clemente de. “A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação”. **Rua** (UNICAMP), Campinas, SP, v. 7, pp. 65-94, 2001.

_____. “Mídia e ressonâncias discursivas de um mito Bakairi (Karib)”. Comunicação no XXXIII Enanpoll, Cuiabá, MT, 2018.